

QUAL TERAPEUTA NÃO É CORPORAL? QUAL TERAPEUTA NÃO É SOCIAL?

Sabrina Batista Andrade⁶⁵

A prática é um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria um revezamento de uma prática a outra. Nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar o muro.

(Gilles Deleuze)

Trabalho primordialmente com a escuta, driblando lugares de saber e poder que servem a propósitos mercadológicos em nossas práticas clínicas. Escolhi aqui a palavra mercadológico por abarcar toda a carroça do capital planetário, envolvendo o patriarcal e o racial. Embora conceitos como saber e poder não ofereçam muita novidade às análises em filosofia, seus efeitos e intenções precisam ser constantemente revistos em nossas práxis, pela força de suas mutações de sentido — ainda mais agora com a naturalização e o apetite do empreendedorismo como um modo de vida ansioso e defendido entre os segmentos mais e menos favorecidos sociopoliticamente.

A clínica é um recorte que produz uma miríade de espaços e estados complexos, trata-se de um dispositivo de dupla captura, em que sempre há a produção e a reprodução de saberes e verdades, de forças e formas; estes podem tanto corresponder à crítica e à liberação de nossas forças libidinais — para dar vazão àquilo que um corpo pode e estar apto a usufruí-lo — quanto a responder macro e micropoliticamente aos interesses do capital com seu aparato epistemológico ou seu *armário da norma*:

Um paradigma determina uma ordem do visível e do invisível, e como tal traz consigo uma ontologia e uma ordem política, isto é, estabelece a diferença entre o que existe e o que não existe social e politicamente, e instaura uma hierarquia entre diversos seres. Determina uma maneira específica de experimentar a realidade por meio da linguagem, um conjunto de instituições que regulam os rituais de produção e reprodução social.

Nós, agentes desses processos como analistas e analisandos, não escapamos ilesos em atuar agindo e coagindo corpos e afetos, logo subjetividades e processos, esta é uma pista para

⁶⁵ Contato: nomadismosclinicos@gmail.com.

compreender o que reverbera nos efeitos macropolíticos destes encontros, aparentemente simples, mas que são produtores de realidades. Podemos contribuir de forma ainda ingênua, não aparente, para a nossa docilidade em face de nossas próprias capturas e corroborar clichês mercadológicos e modos de consumo que tornam a vida dissociada do cosmos. Agir assim é próprio de uma atuação política em seu mais baixo grau de potência, que se torna matéria-prima de uma produção social desejante lastimável que, em muitas ocasiões — não faz senão reproduzir — respondendo a um dos polos da demanda de pessoas que procuram análise ou psicoterapia em busca de soluções mágicas que lhes devolvam a paz, sem adentrar a causa daquilo que as desconforta. Em outras palavras, no exercício da baixa potência libidinal, reforçamos a demanda de readequação à modelização generalizada imposta pelo capital, demanda bastante frequente entre os pacientes que nos chegam, em contraste e tensão com seu outro polo, que pede para adentrarmos a causa de seu mal-estar. Sabemos que atuar na direção da readequação não é o papel e nem mesmo a função ou funcionamento dos dispositivos clínicos que desejamos. Então, como não se submeter a esta demanda de readaptação, se é isso que nos pedem incessantemente os agenciamentos operantes mais evidentes na atualidade, o pedido de captura de nosso próprio desejo.

Caminhando lado a lado com Michel Foucault, vemos que os fascismos, ainda em sua forma molecular, distorcem nossa percepção de mundo e nos limitam a experienciar de forma estanque, macro e micropoliticamente, as múltiplas realidades que criamos e das quais participamos, sejam elas em espaços coletivos ou privados. O mecanismo fascistóide, grosso modo, acaba por nos deixar reativos, neurotizando-nos, ou pior, ascendendo em uma linha de funcionamento ainda mais perigosa, paranoidizando-nos ao ponto de quebrarmos nossas bússolas éticas —, a saber, a paranoia já é decorrência da perda da bússola ética, ou seja, da conexão com a tensão pulsional.

Essa forma de desorientação faz com que outros corpos que se aproximem tomem a forma de perigo, e assim o outro — essa outra falsa ilusão binária que temos em nossas sociedades brancas capitalizadas — torna-se um estranho possivelmente ameaçador, que ameaça a imagem cristalizada de si e assim oferece risco quanto mais se apresente diferenciado desta forma espelhada de um si mesmo. Assim, como coletividade, vivemos por um fio. Numa interdependência entre grupos e pessoas que têm como conjuração primeira a exploração pelo capital.

Este é o desafio com o qual nos deparamos agora, no tempo ao qual somos atravessados, em uma sociedade em pleno processo de dissociação globalizada. Nada está dado, e o que parece certo, além do colapso perceptivo, é a negligência que presenciamos em produzir um modo para lidarmos de forma responsável com a finitude ou o finito ilimitado de nossa e de outras espécies.

Mas o que a clínica tem a ver com isso? Esta é uma pergunta que me faço constantemente, pois este é o trabalho que exerço e ofereço todos os dias e do qual tiro meu sustento, e que, por uma série de privilégios, tive a oportunidade de escolher e cuidar, criando condições para poder criticá-lo.

O tão devastado e capturado campo *psí*, das psicologias e das psicanálises, nascido sob a égide da cientificidade ou da aglutinação de poderes discursivos, está cada vez mais capturado pelas forças e formas de mercado que, como grandes negócios, tornam-se práticas facilmente regradas pelas subjetividades capitalizadas.

Seja pela promessa de dinheiro, status, imagem de poder ou medo mesmo, muitos profissionais optam por caminhos aparentemente mais sedutores, como quem se deixa levar pelo simples conto do vigário. Tal fato só parece possível levando em consideração a precariedade política, afetiva e social na qual estamos todos imersos, influenciados por políticas avarentas e corruptas. A base de tudo isso é uma das principais engrenagens da produção de subjetividade sob gestão do regime de inconsciente colonial-racial-patriarcal-capitalista. Engrenagem que separa o vivente da tensão vital, orientando o desejo a drenar o próprio exercício pulsional e seu movimento, e a seguir com seu cabresto em direção à acumulação de capital, não só econômico e político, mas também social e narcísico. Como um modo de subjetivação, esta micropolítica triste e reativa funciona e nos involucra, do morador de rua ao morador de condomínio, cada qual com a sua pobreza específica no moedor de carne necropolítico ao qual estamos submetidos.

Os poderes estabelecidos são enunciadores de verdades específicas, seja a respeito da vida, seja a serviço da morte. Mas também há poderes que tecem movimentos vivos, linhas revoltosas e perspectivas que furam os muros da significância hegemônica que nos ludibria, criando novas linhas de desejo por meio de outra espécie de composição: a de um fazer ético, estético e político, que desvia da total capitalização de uma práxis clínica e política.

De dentro dessa arapuca constituída de variáveis entradas e saídas, são as nascentes do desvio que viabilizam outros diagramas de forças e que tornam a clínica uma territorialidade na qual vibram forças vitais que, a partir de sua decifração, criam novos modos de existência. O

oráculo clínico: a decifração, a escuta, o devir, expressam o desejo em conexão com as forças do mundo e não com as imagens de si.

Contudo, como fazer para continuar existindo trabalhando com esta prática sem ser demasiadamente conduzida pelas forças dominantes neoliberalizadas, e mesmo assim viver, morar, comer, distribuindo este ofício da forma menos capturada possível?

As estratégias de mercado se mostram abusadoras quando se trata do real dos encontros, naquilo que nos interessa e se quer levar a cabo: uma certa saúde que navegue as intempéries sociais, saúde da criação nas conexões mistas, pois é vida que brota da arteiragem. Uma saúde que não corresponda aos ditames de um mundo caduco, mas que o torne caduco, pois a saúde não tem uma função linear na experiência vital e corpórea. Ela depende de transfigurações nos modos de existência toda vez que a vida se encontra sufocada nas formas do presente.

Talvez seja recomendável duvidar do óbvio no que diz respeito a essa temática da produção de saúde, abrindo espaço para uma relação com o corpo através daquilo que não é considerado pelo sistema, suas supostas anomalias, e, junto com o apuro de seu singular exercício de escuta, sustentar a vida que muitas vezes nos escapa em nossas avaliações inadequadas de sua força. Precisamos diferir sintoma de modos de existência singulares que não são coniventes com a perpetuação dos abusos das subjetividades capitalistas. Pois, muitas vezes, é preciso não apenas confiar, mas apostar no que parece loucura desde a manifestação dos saberes de nossos corpos — lembrando que a loucura é um significante criado para desmoralizar feitos e efeitos sociais em fuga constante, o que torna sua força nossa pista rara.

Com boas doses de refinamento crítico, é importante cuidar da prática clínica, pois trata-se de um ato político sensível de escuta de vidas e processos vitais, encontrar condições em que possamos atualizar o saber-fazer deste campo sem nos rendermos e perpetuarmos uma espécie de misticismo transcendente que o sobrecodifica através dos tempos e espaços. Em detrimento das estruturas forjadas por um sarapatel de palavras solenes e aparentemente grandiosas, criemos condições de afirmar a singularidade de nossas escolhas apostando nos modos de presença deste trabalho, na escuta do que se apresenta no encontro de corpos. Penso que assim atravessaremos os descomunais desafios que são postos, dores, casos graves, pois toda a clínica toca algo do emergencial da existência, e seu socorro convoca uma dupla ação, ativa e contemplativa, implicação singular que atua como quem age na perpetuação de um desejo pela vida, e que, logicamente, se afasta de representar um papel social. Algo que convoca e afirma a

alegria para o fronte de batalha desarticulando a manutenção dos modos de vida brutais, capturados por ideias puristas e violentas.

Só há neutralidade política na clínica se for uma *mise en scène* que joga um 'bom' perfume no que está de fato em jogo deste trabalho. Um consultório bem decorado, ou um Instagram engajado, uma vida supostamente glamorosa, por exemplo, não despojarão o processo da relação intrínseca com o trágico e o cruel da existência: os fins, os cortes, as rupturas, as incertezas, os erros, o desespero, o medo.

Em muitos casos, no intuito de lucrar amplamente com processos e procedimentos, o uso e abuso das mídias sociais declarando modos de vida e atuação como modelos simples e vendáveis, perfeitamente ajustados aos valores de mercado, contribuem para a captura dos modos de subjetivação de nosso tempo, compondo indubitavelmente para a propagação de clichês no campo da clínica. Seja na esfera *psi* ou não — minha crítica aqui, mais especificamente, está direcionada para o campo da saúde. As enunciações oriundas dos profissionais deste campo nestas mídias abusam das relações de desejo e demanda dos pacientes, inflamam a opinião distribuindo informação vaga entre teoria e prática, em alguns casos disponibilizando soluções simplistas para questões de alta complexidade, com a construção de enunciados vagos e imperativos. Não raramente, o que o profissional entrega no real do encontro pode não corresponder à imagem romantizada anunciada *a priori*, principalmente se as relações deste profissional forem mais relevantes para a exposição midiática em detrimento dos tempos singulares de seus pacientes e sua *práxis* clínica. Os saberes *psi* não escapam ao decalque que este modo de produção informativo e ainda em algum formato serial constitui. Informação que, para alguns, pode produzir uma emoção efêmera e reconfortante de ideias e respostas *fast food*, uma recompensa e apaziguamento para as angústias e as incertezas que lhe trariam novas perguntas. Muitas vezes, todo esse agenciamento maquínico de desejo, em plena captura, devolve ao campo social e político apenas o afrouxamento do pensamento, da crítica e da percepção política dos corpos.

Concomitantemente, a crise energética e climática, os bunkers construídos pelos ricos, compõem-se catastroficamente com a intensificação da medicalização da vida e da valorização de uma subjetividade normativa, mesmo que com algum selo de diferente. Modo de vida que se avizinha de um mecanismo fascistoide micro e macropoliticamente, com a máxima do *salve-se quem puder*. Velhas indústrias juntam forças às novas tecnologias tornando-se corporações e se

aproveitando do esgotamento e apreensão de nossos corpos; são estas que não raro decodificam a produção desejante no campo social para nos devolver critérios inalcançáveis de consumo e consumação de produtos e imagens de si vendáveis — sobretudo para uma parcela da população — na produção do que denominam saúde.

Diante do esquadramento dos recursos naturais vitais para a sobrevivência de nossa espécie, e da iminência de sua escassez para alguns povos da Terra (ênfasis a água), uma outra parcela de viventes de nossa espécie, muito desfavorecidas financeiramente, não interessa a estes mecanismos de poder, não é vista como existente, e isso marca a violência de nosso modo de vida atual neste planeta.

Todavia, mesmo que não percebamos, seguimos em relação. Na estratosfera, comungamos nossas membranas celulares que habitam e conjugam (im)perceptíveis lonjuras. Parte do mecanismo da transcendência criado pela Igreja, para nos convencer de que há outro mundo melhor depois deste, se perpetua no pensamento de uma forma imaginária, produzindo imagens idealizadas de mundos apartados do real dos corpos, como se, para alguns, este mundo em que vivemos, da guerra e da fome, não existisse, ou existisse apenas como uma imagem, não pertencida ao "seu" mundo. Esta dicotomia, que foi em seus primórdios muito bem implantada pela Igreja, hoje reverbera através de novas tecnologias de controle e dominação, segue naturalizada, sendo ajustada a tecnologias mais funcionais ao aparato do capital de cada tempo, e, portanto, segue sendo experimentada como um matiz de realidade.

É da percepção da separabilidade entre nossos corpos, incluindo aqui a noção de separabilidade da viva composição entre traçados orgânicos e inorgânicos da dança do caos e do cosmos que nos constitui, que se alimentam estas forças e formas corrosivas. Trata-se da *cosmofobia* à qual se refere Nêgo Bispo, em minhas palavras: uma concepção paranoica que cria um imaginário que nos aparta da potência vital e da experimentação do tempo presente. Que nos destitui das múltiplas possibilidades de existência e experimentações de uma subjetividade fora do sujeito ou de uma "Subjetividade do fora, subjetividade de amplidão que, longe de temer a finitude, a experiência de vida, de dor, de desejo e de morte, acolhe-as como uma pimenta essencial à cozinha vital". Acolher a alienação e o medo do sublime, para escutá-los, seria uma composição sorológica entre solidariedade e desobediência, a produção de uma ginga no encontro com a reatividade nos corpos, ponto chave na produção de uma espécie de involução

criadora em nossos afetos. Um modo de produção de si e de mundos em que a clínica, com sua potência perceptiva e germinal, pode atuar como campo de novas percepções políticas.

Trata-se de micropolíticas que se multiplicam em possibilidades para construirmos novas percepções sobre a vida e sobre como a experimentamos, principalmente quando é aberta a possibilidade de devir diferença como desvio dos males dispostos. Trata-se também de uma ferramenta em extensão macropolítica, porque os corpos, quando se dispõem a iniciar um processo de autocuidado, portanto de autogoverno e produção de si, dão um passo em favor de uma existência insurreta, uma abertura ao social, no tempo e no espaço que compartilhamos, para a experimentação de encontros não ensaiados. Nesse tocante, há um movimento conectivo, social, independente de demanda específica, no qual podemos experimentar uma liberdade que devém uma cura justa que hoje é a própria desarticulação da subjetividade neoliberal.

Recebido em: 10/07/2024

Aceito em: 16/10/2024